

QUE MODERNIDADE? O ESPORTE EM OS MAIAS (EÇA DE QUEIRÓS, 1888)

¿QUE MODERNIDAD? EL DEPORTE EN OS MAIAS (EÇA DE QUEIRÓS, 1888)

Victor Andrade de Melo*
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

Este estudo tem por objetivo discutir as representações de esporte em *Os Maias* (Eça de Queirós, 1888), um dos mais celebrados romances escritos em língua portuguesa. Argumentamos que os olhares do literato podem nos auxiliar a compreender a presença da prática no quadro das tensões culturais existentes em Portugal nas décadas finais do século 19, inclusive no que se refere à relação do país com o ideário e imaginário da modernidade.

PALAVRAS-CHAVE

Esporte, modernidade, Portugal

INTRODUÇÃO

Os Maias, publicado pela primeira vez em 1888, depois de mais de 10 anos de elaboração, é um dos mais celebrados romances escritos em português: “Nenhum livro de Eça tem suscitado tanto a admiração dos leitores e críticos (...). Tem-se dito, e com razão, que depois de *Os Lusíadas* a literatura em língua portuguesa nada oferece que se lhe compare.”¹ Para Rosa, mais ainda, trata-se de “um dos momentos mais significativos da arte em qualquer língua”.²

“Uma crônica de costumes e com fortes características de romance folhetinesco”,³ o livro narra a história trágica de três gerações de uma família da elite portuguesa, cuja fortuna vinha da posse de terras e de heranças, tendo como pano de fundo um retrato cáustico do país: no olhar de Eça de Queirós, ninguém escapa à mediocridade, expressa especialmente nas posturas da burguesia lisboeta.

* victor.a.melo@uol.com.br

¹ ROSA. *Eça, discípulo de Machado?*, p. 210.

² ROSA. *Eça, discípulo de Machado?*, p. 247.

³ ROSA. *Eça, discípulo de Machado?*, p. 211.

Os Maias, ainda mais do que os anteriores e igualmente celebrados *O crime do Padre Amado* (publicado pela primeira vez em 1875) e *O primo Basílio* (lançado em 1878), procura expressar as contradições da sociedade portuguesa, inclusive no tocante à relação com o imaginário e ideário da modernidade. Em função das suas características, não surpreende a presença da prática esportiva na obra.

O romance é claramente influenciado pelas ideias liberais, que chegaram a Portugal nas décadas finais do século 18, tendo como uma importante marca de conformação os conflitos dos anos 1830.⁴ Ainda que com dificuldades e restrições, seus impactos eram perceptíveis não somente na economia e na política, como também na educação, na música, na arquitetura, nas artes plásticas, notadamente na literatura. Intelectuais e artistas preconizavam a necessidade de modernização do país, com destaque para as iniciativas dos envolvidos com a Geração de 1870, liderada, entre outros, por Eça de Queirós, Antero de Quental e Ramalho Ortigão.⁵

Para além de ser um importante indicador de adesão a projetos de modernidade, devemos ter em conta que é exatamente no quartel final do século 19 que surgem em Portugal iniciativas relacionadas à estruturação do campo esportivo. Como em muitos lugares, isso teve forte relação com o crescimento de uma classe média urbana, com a industrialização, com o propagar de ideias liberais e com o desenvolvimento de um pensamento científico, que contribuía para a emergência de maiores preocupações com a saúde, com a higiene e com o corpo.⁶

Na verdade, em Portugal, o esporte desenvolver-se-á mais denotadamente na última década do século 19, até mesmo em razão dos desdobramentos do Ultimatum inglês de 1890, que deu fim ao sonho português do Mapa Cor-de-Rosa na África e desencadeou internamente muitos conflitos sociais e políticos,⁷ inclusive no que se refere à constatação de uma suposta “decadência fisiológica da raça portuguesa”.⁸ Ainda assim, é somente nos anos iniciais do século 20 que o campo esportivo se mostrará mais estruturado.⁹

Eça, portanto, lança um olhar sobre o esporte e as atividades físicas em um período anterior a esse (lembramos que o livro foi lançado em 1888). Argumentamos que as representações do literato podem nos auxiliar a compreender a presença da prática no

⁴ Os absolutistas foram definitivamente vencidos nas Guerras Liberais, que se desenrolaram entre os anos de 1831 e 1834.

⁵ Movimento que emergiu em Coimbra, formado por jovens que pretendiam renovar a vida política e cultural do país: “Foram os expoentes do Portugal do liberalismo, europeu, moderno, arejado, lutando por arrancar o país ao subdesenvolvimento industrial, comercial e político e o projectar nessa nova sociedade que estava assente na Revolução Industrial, na supremacia burguesa e no regime parlamentar” (MARQUES. *Breve história de Portugal*, p. 515).

⁶ Para mais informações, ver MELO. *Esporte e lazer: conceitos – uma introdução histórica*.

⁷ Para mais informações, ver PIMENTA. *Portugal e o século XX: Estado-Império e descolonização (1890-1975)*.

⁸ VAQUINHAS. O conceito de “decadência fisiológica da raça” e o desenvolvimento do esporte em Portugal (finais do século XIX/princípios do século XX).

⁹ Para mais informações, ver COSTA. *O desporto e a sociedade em Portugal – fins do século XIX – princípios do século XX*.

quadro das tensões culturais existentes em Portugal nas décadas finais do século 19, inclusive no que se refere à relação do país com o ideário e imaginário da modernidade.

Obviamente devemos ter em conta que se trata de um olhar específico, lançado por um informante privilegiado. É como representação que devemos ver as posições de Eça. De toda maneira, vale ter em conta o posicionamento de Rosa:

Como reprodução imanente e transcendente da realidade, *Os Maias* são o monumento mais alto que Eça ergueu à Arte, e até à História da cultura em Portugal. (...) São a própria realidade resumida pela imaginação estética e cômica de Eça de Queirós.¹⁰

EÇA DE QUEIRÓS E *OS MAIAS*

José Maria de Eça de Queirós nasceu em 1845, na Póvoa do Varzim, no seio de uma família de classe média pouco estruturada para os padrões da época. Na infância, viveu em várias residências, até se mudar para a cidade do Porto, em 1855, a fim de realizar seus estudos no Colégio da Lapa, dirigido pelo pai de Ramalho Ortigão, com quem viria a estabelecer uma relação de amizade e colaboração profissional.¹¹ Entre 1861 e 1866, formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, onde se envolveu com a jovem intelectualidade nacional, tomando parte ativa nos acontecimentos políticos do país. A partir de 1871 desempenhou funções diplomáticas, sem abandonar jamais sua colaboração com a imprensa, nem tampouco sua carreira literária.

Ávido leitor e perspicaz observador, sempre sintonizado com os acontecimentos europeus e universais, é desse ponto de vista que lançava olhares sobre o seu país. Por vezes acusado de pessimista e de valorizar em demasia as referências que vinham do exterior, notadamente da França e da Inglaterra, Eça, na verdade, progressivamente não só passou a criticar a pretensão de adoção automática de modelos estrangeiros, como também o esgotamento da civilização ocidental.

Para Beatriz Berrini, sempre como estratégia para entabular uma crítica e desvelar as contradições sociais, uma das mais notáveis características da obra de Eça é a ironia, “base a qual teria emanado uma infinidade de recursos expressivos: cômicos uns, satíricos e mesmo sarcásticos e burlescos outros, limitando-se a um leve tom bem-humorado em certos momentos”.¹² Segundo a autora, ao uso dessas alternativas adenda-se certa maneira de se colocar perante o mundo: “uma contemplação objetiva, fria, atribuindo a cada objeto, a todo ser com que se defrontasse, um valor definido, que deveria corresponder com rigor àquilo que seria a sua verdade intrínseca.”¹³

Assim, é buscando precisão e clareza que Eça abordava os problemas de Portugal, seja em sua produção mais jornalística seja em sua ficção. Não se tratava somente de apontar as deficiências da nação, mas também de vislumbrar uma possibilidade de colaboração com a construção de um novo país:

¹⁰ ROSA. *Eça, discípulo de Machado?*, p. 212.

¹¹ Ortigão, como Eça, tornou-se um dos grandes escritores e intelectuais portugueses do século 19.

¹² BERRINI. *Eça de Queiroz: precursor da modernidade*, p. 39.

¹³ BERRINI. *Eça de Queiroz: precursor da modernidade*, p. 44.

Eça, a partir de sua visão irônica e usando dos recursos humorísticos da linguagem, não vai se limitar a apontar os erros e a tentar assim corrigir essas falhas, sustentando a decadência da nação portuguesa. (...) mais do que isso, é possível apreender o seu espírito, dominado por uma ironia angustiada, ao retratar o estado da nação.¹⁴

Um dos fatos mais investigados pelos estudiosos da literatura lusófona é a crítica de Machado de Assis a *O Primo Basílio* por ocasião do seu lançamento no Brasil, em 1878: em dois artigos, o brasileiro, ainda que reconheça o talento de Eça, é contundente em sua análise, chegando a acusar o português de plagiar modelos franceses, desencadeando polêmicas nos meios literários.

Os autores que sobre o tema se debruçaram sugerem que um desdobramento do debate é uma espécie de programa literário para ambos.¹⁵ Claramente percorria a crítica de Machado, para além de questões de natureza pessoal ou relacionadas a uma postura nacionalista, a sua posição contrária à adesão completa ao naturalismo/realismo, à “pretensão de fazer na ficção um estudo científico da sociedade ou do indivíduo”.¹⁶ Não se tratava de uma postura retrógrada, antes de uma expectativa de que fosse possível produzir uma obra que não se renda linearmente a modelos exógenos, a modas literárias, e que incorporasse e expressasse melhor as peculiaridades locais.

Essa é uma questão que muito nos interessa – a relação entre culturas hegemônicas e não hegemônicas, no sentido atribuído por João Rocha.¹⁷

Como produzir efeitos não canônicos no interior de um código hegemônico quando a própria língua na qual se escreve exige um passo prévio, qual seja, a tradução para uma das línguas consideradas hegemônicas? O dilema pode ser ainda mais agudo: como *produzir* nas condições das culturas não hegemônicas sem antes *traduzir* o cânone das literaturas consideradas centrais?¹⁸

Vejamos que as questões que Rocha lança para a literatura podem também ser aplicadas a outras manifestações culturais, entre as quais o esporte, prática que se configurou na Inglaterra do século 18 e que se espalhou pelo mundo no âmbito dos movimentos de globalização que marcaram o século 19. Como os países periféricos, como é o caso de Brasil e Portugal, apreenderam, traduziram, releram esse fenômeno?

Já abordei esse tema em outra ocasião,¹⁹ dialogando com as ideias de Koselleck. Em linhas gerais, os ingleses, no decorrer de seis séculos (do 15 ao 20), promoveram mudanças conceituais ao redor de uma mesma palavra (*sport*); os franceses, nos séculos 19 e 20, passaram

¹⁴ BERRINI. Eça de Queiroz: precursor da modernidade, p. 46.

¹⁵ Talvez seja mais adequado falar que se estabeleceu para ambos uma perspectiva literária, um norte, um projeto.

¹⁶ GLEDSON. Machado de Assis e Eça de Queiroz: a crítica de 1878 e a internacionalização do romance, p. 117.

¹⁷ Nas suas palavras: “Naturalmente não atribuo um valor normativo à noção de cultura hegemônica, refiro-me apenas à existência concreta de literaturas favorecidas por determinada circunstância histórica que beneficia este ou aquele idioma na difusão de obras literárias” (ROCHA. *Machado de Assis e Eça de Queiroz: formas de apropriação*, p. 1).

¹⁸ ROCHA. *Machado de Assis e Eça de Queiroz: formas de apropriação*, p. 3.

¹⁹ MELO. *Esporte e lazer: conceitos – uma introdução histórica*.

a usar o mesmo termo dos ingleses; os portugueses, depois de também utilizarem por um tempo o mesmo termo (no século 19), mudaram os sentidos e passaram a usar, no século 20, uma palavra já existente desde o século 18 (*desporto*); os brasileiros usaram o termo em inglês (século 19), depois utilizaram o novo sentido da palavra *desporto* (início do século 20), mas também a traduziram para *esporte* (mais comum a partir da metade do século 20).

Provavelmente o uso corrente da palavra *sport*, no século 19, tinha relação com o “perfil” dessa “novidade”, para o qual a língua portuguesa ainda não tinha instrumental para descrever. Pode também ter relação com o desejo de estabelecimento de ligações simbólicas com uma realidade “mais desenvolvida”. De qualquer forma, quais seriam as semelhanças e dessemelhanças dessa apreensão conceitual no Brasil e em Portugal? Em que cenário e por que deixamos de usar *sport*, *desporto* ganhou um novo sentido em Portugal e nós brasileiros passamos a usar *esporte* (depois de também usar *desporto*)? O que esses percursos teriam a nos dizer sobre as peculiaridades do fenômeno em nossas terras? Veremos que o caso da presença da prática na obra de Eça nos ajuda a pensar nessas questões.

Vale revelar que Rocha²⁰ faz referência à ideia de Silviano Santiago de que a questão central não é tanto a “*originalidade do modelo*, do arcabouço abstrato ou dramático do romance ou do poema, mas da *transgressão* que se cria a partir de um novo uso do modelo pedido de empréstimo à cultura dominante”.²¹ Nesse sentido, a estratégia adotada é

uma meditação silenciosa e traiçoeira por parte do artista que surpreende o *original* nas suas limitações, desarticula-o e rearticula-o consoante a sua visão segunda e meditada da temática apresentada em primeira mão na metrópole.²²

Sugiro que no âmbito do esporte fizemos algo semelhante. Gledson infere que se em *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) parece ser clara a inspiração do debate com Eça de Queirós, na obra do português isso se manifesta de forma mais explícita exatamente na saga da família Maia:

E podemos ver que, qualquer que fosse o processo criativo pelo qual passou Eça – envolvesse ou não a crítica machadiana –, pelo menos em um sentido ele incorporou as críticas em *Os Maias*, publicado em 1888, e sem dúvida um dos pontos altos, senão o mais alto de todos, da sua obra.²³

Nesse romance, já tendo se afastado do naturalismo/realismo,²⁴ Eça declaradamente pretendeu criticar uma sociedade monótona, hipócrita, sem vigor, periférica: embora Portugal recebesse das cidades mais “desenvolvidas” (especialmente de Paris e Londres) as notícias e os indícios materiais do “progresso”, o máximo que conseguia, segundo seu olhar, era produzir um simulacro sem cor, descaracterizado e mal lido (inclusive no

²⁰ ROCHA. *Machado de Assis e Eça de Queiroz: formas de apropriação*, grifo do autor.

²¹ SANTIAGO. *Eça, autor de Madame Bovary*, p. 56, grifo do autor.

²² SANTIAGO. *Eça, autor de Madame Bovary*, p. 56.

²³ GLEDSON. *Machado de Assis e Eça de Queiroz: a crítica de 1878 e a internacionalização do romance*, p. 125.

²⁴ Vale destacar que em *Os Maias* os debates sobre o naturalismo aparecem em vários momentos, notadamente nos embates entre João da Ega e Tomás de Alencar. Segundo Rosa: “Os próprios *Maias*, no fundo e na forma, são a negação da estética naturalista” (ROSA. *Eça, discípulo de Machado?*, p. 240).

sentido de não intencionalmente ressignificado segundo as matizes locais). Vejamos uma das falas de João da Ega, um dos personagens mais críticos e irônicos de *Os Maias*:

– Enfim, (...) se não aparecerem mulheres, importam-se, que é em Portugal para tudo o recurso natural. Aqui importa-se tudo. Leis, idéias, filosofias, teorias, assuntos, estéticas, ciências, estilo, indústrias, modas, maneiras, pilhérias, tudo nos vem em caixotes pelo pacote. A civilização custa-nos caríssima com os direitos da alfândega: e é em segunda mão, não foi feita para nós, fica-nos curta nas mangas... Nós julgamo-nos civilizados como os negros de S. Tomé se supõem cavalheiros, se supõem mesmo brancos, por usarem com a tanga uma casaca velha do patrão... Isto é uma choldra torpe.²⁵

Em muitos momentos da obra, Eça critica também certos procedimentos de países que se julgavam mais civilizados. Por exemplo, quando Ega comenta a realização de missões e explorações à África, afirma:

Porque não se deixaria o preto sossegado, na calma posse de seus manipaços? Que mal fazia à ordem das coisas que houvesse selvagens? Pelo contrário, davam ao Universo uma deliciosa quantidade de pitoresco! Com a mania francesa e burguesa de reduzir todas as regiões e todas as raças ao mesmo tipo de civilização, o mundo ia tornar-se numa monotonia abominável. Dentro em breve um *touriste* faria enormes sacrifícios, despesas sem fim, para ir a Tangubutu – para quê? Para encontrar lá pretos de chapéu alto, a ler o *Jornal dos Debates*!²⁶

Em *Os Maias*, como em outras ocasiões, Eça crítica algo que nos interessa em função de nosso objeto: a enorme presença e poder da Inglaterra no mundo. Entre os “vestígios da vida inglesa” que se espalhavam pelo planeta se encontrava a prática esportiva. Vejamos uma de suas falas ao comentar a atuação dos britânicos no Egito:

Estão em toda a parte! O século XIX vai findando, e tudo em torno de nós parece monótono e sombrio – porque o mundo se vai tornando inglês. Por mais desconhecida e inédita nos mapas que seja a aldeota onde se penetre; por mais perdido que se ache num obscuro recanto do universo o regato ao longo do qual se caminhe – encontra-se sempre um inglês, um vestígio de vida inglesa!

(...)

Estranha gente, para quem é fora de dúvida que ninguém pode ser moral sem ler a Bíblia, ser forte sem jogar o críquete e ser *gentleman* sem ser inglês! (...)

O inglês cai sobre as ideias e as maneiras dos outros como uma massa de granito na água: e ali fica pesando, com a sua Bíblia, os seus clubes, os seus *sports*, os seus prejuízos, a sua etiqueta, o seu egoísmo – fazendo na circulação da vida alheia um incomodativo tropeço.²⁷

Na produção mais jornalística e na correspondência de Eça, o esporte esteve mais presente, como podemos ver, por exemplo, em *Ecos de Paris* (1905, póstumo) e *Cartas da Inglaterra* (1905, póstumo). Já nas suas obras de ficção, tal presença não é tão constante. Há muitas referências a clubes, mas normalmente trata-se de agremiações de natureza social e política. Em *A cidade e as serras* (1901, póstumo), há alguns trechos em que aparece o ciclismo. Em *A correspondência de Fradique Mendes* (1900), há pequenas citações à ginástica. Em *O mistério da estrada de Cintra* (1870), há notícias sobre corridas de cavalos em Paris.

²⁵ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 113.

²⁶ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 397.

²⁷ QUEIRÓS. *Cartas da Inglaterra*. Publicadas postumamente em 1905.

É mesmo em *Os Maias* que a prática esportiva aparece com maior frequência e relevância, inserida em uma dinâmica social pouco estruturada se comparada a dos países mais desenvolvidos: o teatro, saraus e festas, agremiações nas quais se jogava o voltarete, o whist, o bilhar; atividades que pareciam aos mais ilustrados como rascunhos mal feitos de uma sociedade civilizada.

Essa representação pode ser encarada como uma crítica ao hábito de jogar da alta sociedade portuguesa. Lembremos que Antero Quental, na célebre conferência pronunciada no Casino Lisbonense, em maio de 1871,²⁸ já afirmara:

A paixão do jogo estendeu-se terrivelmente: jogava-se nas tavolagens, e jogava-se nos palácios. O ócio, acendendo as imaginações, levava pelo galanteio às intrigas amorosas, às aventuras, ao adultério, e arruinava a família. Lisboa era uma capital de fidalgos ociosos, de plebeus mendigos e de rufiões.²⁹

Esses elementos comporão a trama de *Os Maias*.

Como Eça, em *Os Maias*, publicado mais de 15 anos depois das conferências de 1871, teria se posicionado sobre o esporte, ele que a essa altura criticava tanto uma certa ideia de modernidade quanto a nem sempre benfazeja influência do exterior?

O ESPORTE

Em suas frequências ao Grêmio³⁰ e outros círculos sociais (a Casa Havaneza,³¹ por exemplo), em suas conversas sobre futilidades, entre as quais sobre um de seus temas preferidos, as mulheres, Carlos Augusto, neto de Afonso da Maia, filho de Pedro da Maia com Maria Monforte, por vezes se metia em “prolixas cavaqueiras sobre cavalos e *sport*”.³²

Durante todo o romance, o fato de conhecer e praticar esportes será apresentado como um dos diferenciais de Carlos em seu meio social. Tratava-se de um hábito estimulado por seu avô, para que se tornasse um homem forte, ao contrário de seu pai Pedro, que se matou ao descobrir o adultério e abandono da mulher amada. Marca um estilo de vida em que se mesclavam a postura de ser “um homem de luxo e um homem de estudo” e “os elevados vagares da filosofia entremeados com requintes de *sport* e de gosto”.³³ Carlos torna-se mesmo reconhecido como um “distinto e brilhante *sportman*”.³⁴

²⁸ As Conferências do Casino foram realizadas em 1871, no Casino Lisbonense, apontando os problemas da nação e propondo a busca de sintonia com o que ocorria no cenário europeu e mundial. Estavam previstas 10 intervenções, mas somente cinco foram realizadas, já que a continuidade da atividade foi proibida pelo governo.

²⁹ QUENTAL. *Causas da decadência dos povos peninsulares nos três últimos séculos*, p. 85.

³⁰ O Grêmio Literário foi fundado em 1846. A alta sociedade lisboeta frequentava suas atividades e seus salões. A agremiação existe até os dias de hoje. Para mais informações, ver <<http://www.gremioliterario.pt/>>.

³¹ Fundada em 1864, aberta até os dias de hoje e dedicada ao comércio de produtos ligados ao fumo, por sua loja no Chiado passava a fina flor da sociedade de Lisboa.

³² QUEIROZ. *Os Maias*, p. 129.

³³ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 102.

³⁴ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 697.

De fato, algumas práticas esportivas aparecem ocasionalmente em *Os Maias*. Por exemplo, em um comentário de D. Diogo, frequentador da residência da família, general que tinha “bronquite e horror ao ar”, vemos uma citação ao *croquet*, mais compondo um olhar tradicional sobre o rural do que como uma novidade moderna que entusiasmava a burguesia na França e na Inglaterra: “– O campo, disse então D. Diogo, passando gravemente os dedos pelos bigodes, tem certa vantagem para a sociedade, para se fazer um bonito piquenique, para uma burricada, para uma partida de *croquet*... Sem campo não há sociedade.”³⁵ Sabemos também que eventualmente Carlos praticava tal esporte.

Podemos saber também que Sintra já era um lugar de veraneio, mas ainda não, como o seria nos anos iniciais do século 20, um local de banhos de mar e de realização de provas náuticas. É possível identificar, todavia, algumas referências ao remo. Por exemplo, quando Carlos pergunta sobre um certo Vargas, ao que lhe informam que era “o magro, o das regatas”,³⁶ ou quando sabemos que o arrivista Dâmaso Salcede era membro do Clube Naval.³⁷

Esse personagem, reconhecido em alguns círculos como *sportman*, era também membro do Jockey Club,³⁸ cujos associados frequentavam os lugares prediletos da *high society*. Aliás, já quase no final do romance, somos informados de que uma nova agremiação de corridas de cavalos fora fundada: o Turf.³⁹ É esse exatamente o esporte que mais aparece em *Os Maias*; ao redor dele Eça procederá algumas observações críticas sobre a sociedade portuguesa.

Praticamente todo o capítulo X gira em torno de um evento turfístico que ocorre em Lisboa. Ficamos sabendo que Carlos a princípio se encontrava alheio à realização das corridas, que, aliás, pareciam encontrar dificuldades para se concretizar. Segundo o marquês de Souza, outro frequentador do círculo social dos Maias:

As corridas se tinham apressado a pedido do Clifford, o grande *sportman* de Córdova, que devia trazer dois cavalos ingleses... Era um bocado humilhante depender do Clifford. Mas enfim o Clifford era um *gentleman*, e com os seus cavalos de raça, os seus jóqueis ingleses, constituía a única feição séria do Hipódromo de Belém. Sem o Clifford aquilo era uma brincadeira de pilecas e de *abas*...⁴⁰

Toda a sociedade lisboeta se preparava para comparecer aos festejos e Carlos, já desgostoso de sua relação adúltera com a condessa de Gouvarinho, imaginou que seria uma oportunidade de reencontrar Maria Eduarda, seu novo *affair*. Incentivava-o supor que Castro Gomes, que pensava ser o marido de sua futura amante, com quem esperava

³⁵ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 446.

³⁶ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 533.

³⁷ Em Portugal, o Clube Naval, na verdade, foi fundado em 1892, apresentando-se como continuidade do Clube de Remeiros Lusitanos, criado em 1862. Houve, de fato, muitas agremiações náuticas de vida curta nesse último quartel do século 19. Para mais informações, ver: <<http://remo-historia.blogspot.com/2009/03/historia-do-clube-naval-de-lisboa.html>>. Acesso: 15 maio 2011.

³⁸ O Jockey Clube foi fundado em 1875, dando sequência às atividades do Club Equestre.

³⁹ O Turf Club foi fundado em 1886, substituindo o Jockey Club.

⁴⁰ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 309.

uma oportunidade para “fumar um charuto e falar de cavalos”, estaria presente por ser um “homem de gosto e de *sport*”.⁴¹

Dâmaso era mesmo o mais empolgado com as corridas. Na roda social do Ramalhete, desfilava seu suposto conhecimento do tema. Entremeando sua fala com termos técnicos, dirige-se ao marquês, o único que dava alguma atenção a seu entusiasmo esnobe e provinciano: “Não era verdade, como ele estivera dizendo ao Sr. Afonso da Maia, que iam ser as melhores corridas que se tinham feito em Lisboa? Só para o Grande Prêmio Nacional, de seiscentos mil réis, havia oito cavalos inscritos! E, além disso, o Clifford trazia a *Mist*.”⁴²

O seu interlocutor, contudo, cheio de orgulhos nacionalistas, não demonstra igual entusiasmo pelo estrangeiro: “Todo o patriota devia apostar pelos cavalos do visconde de Darque, que era o único criador português!...”.⁴³ Mais à frente sabemos que até mesmo esse nobre previa que tardaria ao menos quatro anos para que seus animais obtivessem bons resultados; ainda assim dizia: “não apurava cavalos para aquela melancolia de Belém, não imaginassem os amigos que ele era tão patriota: o seu fim era ir à Espanha, bater os cavalos de Caldilo...”.⁴⁴

Afonso da Maia questiona a adequação das corridas de cavalos à sociedade portuguesa. Carlos, de forma sutil, ridiculariza a pretensão de que o Jockey Club local conseguisse organizar as atividades turfísticas como a congênere francesa. Contribui com as críticas irônicas Craft, um inglês erudito e de “bons hábitos”, ex-aluno do Colégio de Rugby, “um *gentleman* de raça inglesa” que com Carlos compartilha o desencanto com a vida social lisboeta. Dâmaso, todavia, insiste que, pelo bem de Portugal, todos devem colaborar para o sucesso do evento. Ele informa que já preparara o que julga ser sua grande contribuição para o turfe e para o país: “Mande fazer para o dia das corridas uma sobrecasaca branca... E vou de véu azul no chapéu!”⁴⁵

Chega o tão esperado dia do evento, para o qual se dirige Carlos em companhia de Craft. O Hipódromo de Belém estava em festa, mas sua ornamentação não era das mais belas, tampouco era digna de destaque a organização. Tudo era muito simples (“arranjado com decência”, ironiza o amigo inglês). Assim descrevera Eça:

O hipódromo elevava-se suavemente em colina, parecendo, depois da poeirada quente da calçada e das cruas reverberações da cal, mais fresco, mais vasto, com a sua relva já um pouco crestada pelo sol de junho, e uma ou outra papoula vermelhejando aqui e além (...). No centro, como perdido no largo espaço verde, negrejava, no brilho do sol, um magote apertado de gente, com algumas carruagens pelo meio (...). Para além, dos dois lados da tribuna real forrada de um baetão vermelho de mesa de repartição, erguiam-se as duas tribunas publicas, com o feitio de traves mal pregadas, como palanques de arraial. A da esquerda vazia, por pintar, mostrava à luz as fendas do tabuado. Na da direita, besuntada por fora de azul claro, havia uma fila de senhoras (...); e o resto das bancadas permanecia deserto e desconsolado, de um tom alvadio de madeira, que abafava as cores alegres dos raros vestidos de verão.⁴⁶

⁴¹ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 310.

⁴² QUEIROZ. *Os Maias*, p. 312.

⁴³ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 313.

⁴⁴ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 320.

⁴⁵ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 315.

⁴⁶ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 319.

Essa simplicidade se percebia até mesmo na área mais nobre do hipódromo:

O bufete estava instalado debaixo da tribuna, sob o tabuado nu, sem sobrado, sem um ornato, sem uma flor. Ao fundo corria uma prateleira de taberna com garrafas e pratos de bolos. E, no balcão tosco, dois criados, estonteados e sujos, achatavam à pressa as fatias de sanduíches com as mãos húmidas da espuma da cerveja.⁴⁷

Dois brasileiros achavam aquilo uma “sensaboria de rachar”.⁴⁸ O visconde de Darque pondera: “que diabos, para corridas é necessário *cocottes* e champanhe. Com esta gente séria, e água fresca, não vai!”⁴⁹ Os organizadores sequer conhecem todo o regulamento, servindo o criador de cavalos como informante dos procedimentos corretos: “Eu sou o dicionário (...). De vez em quando vem um destes senhores do Jockey Club, e folheia-me.”⁵⁰ Uma espanhola acha ridícula a música executada, que dá ao evento “um ar de arraial”, bem como o fato de ter sido tocado de forma solene o hino pátrio em uma atividade não oficial.⁵¹ Para Carlos, que já conhecia o turfe de Londres e Paris, aquilo parecia um tédio, tanto mais que não compareceu a esperada Maria Eduarda; ele não concordava com o poeta Alencar, que:

Pousando o chapéu sobre uma cadeira, e passando a mão pela sua vasta frente de bardo, confessou que aquilo tinha realmente um certo ar de elegância, um perfume de corte... Depois, lá em baixo, aquele maravilhoso Tejo... Sem falar na importância do apuramento das raças cavalares...
– Pois não é verdade, meu Carlos? Tu que entendes superiormente disso, que és um mestre em todos os *sports*, sabes bem que o apuramento...⁵²

De qualquer forma, a alta sociedade portuguesa desfilava entre a tribuna e a pista, divertia-se, bebia e saudava os *sportmen* da nação: “– Cá a rapaziada do *sport* deve conhecer-se toda. Porque isto cá é a confraria, e tudo o resto é chinfrinada!”⁵³

Aquele simulacro de civilização foi por água abaixo já no primeiro páreo, em que, aliás, correram somente dois cavalos. Um tumulto, em função de discordâncias com a decisão dos árbitros, se alastrou pelo hipódromo:

E imediatamente aquela massa de gente oscilou, embateu contra o tabuado da tribuna real, remoinhou em tumulto, com vozes de “ordem” e “morra”, chapéus pelo ar, baques surdos de murros. Por entre o alarido vibravam, furiosamente, os apitos da polícia; senhoras, com as saias apanhadas, fugiam através da pista, procurando espavoridamente as carruagens – e um sopro grosseiro de desordem reles passava sobre o hipódromo, desmanchando a linha postiça de civilização e a atitude forçada de decoro...⁵⁴

⁴⁷ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 326.

⁴⁸ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 320.

⁴⁹ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 320.

⁵⁰ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 321.

⁵¹ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 322.

⁵² QUEIROZ. *Os Maias*, p. 329.

⁵³ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 327.

⁵⁴ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 330.

Carlos divertia-se com o ocorrido. Clifford tentava consolar os mais desolados, alegando que isso ocorria em vários lugares, mas queria mesmo é retirar seus cavalos dos páreos, com o que muitos concordavam, afinal: “Era aviltante para um belo animal de raça correr num hipódromo sem ordem e sem decência, onde a todo o momento podiam reluzir navalhas.”⁵⁵ O mais exaltado era o marquês:

– Então, estão convencidos? Que lhes tenho eu sempre dito? Isto é um país que só suporta hortas e arraiais... Corridas, como muitas outras coisas civilizadas lá de fora, necessitam primeiro gente educada. No fundo todos nós somos fadistas! Do que gostamos é de vinhaça, e viola, e bordoadas, e viva lá seu compadre! Aí está o que é!⁵⁶

Acalmados os ânimos, seguiram-se as provas. Teles da Gama resumira a sensação geral: “a desordem fez bem, sacudiu os nervos, todo mundo acordou...”.⁵⁷ Momentaneamente volta o frenesi das apostas. A disputa do Grande Prêmio Nacional chega a trazer alguma emoção para o hipódromo. O final, contudo, é patético. O penúltimo páreo, o Prêmio de El-Rei, “terminou grotescamente”, vencido por um cavalo solitário que galopava vagorosamente, sendo ao longe seguido “Por uma pobre pileca branca, empurrando-se, arquejando, num esforço doloroso, sob as chicotadas atarantadas de um jóquei de roxo e preto.”⁵⁸ A última prova, Prêmio de Consolação, sequer foi acompanhada pelo público, que disperso preferia se dedicar a conversas.

A mirada irônica de Eça uma vez mais se manifesta no que se refere às repercussões das corridas. É exemplar o diálogo entre Dâmaso e Carlos, junto a Maria Eduarda:

– Pois Vossa Excelência – continuou ele, cheio subitamente de loquacidade – perdeu, que as corridas estiveram esplêndidas... Nós ainda não nos vimos depois das corridas, Carlos. Ah, sim, vimo-nos na estação... Pois não é verdade que estiveram muito chiques? Olhe, minha senhora, de uma coisa pode Vossa Excelência estar certa, é que hipódromo mais bonito não há lá fora. Uma vista até à barra, que é de apetite... Até se vêem entrar os navios... Pois não é assim, Carlos?

– Sim – disse Carlos, sorrindo – Não é propriamente um campo de corridas... É verdade que não há também propriamente cavalos de corridas... Verdade seja que não há jóqueis... Ora é verdade que não há apostas... Mas é verdade também que não há publico...

Maria Eduarda ria, alegremente.

– Mas então?

– Vê-se entrar os navios, minha senhora...

Dâmaso protestava, com as orelhas vermelhas. Era realmente querer dizer mal à força... Não senhor, não senhor!... Eram muito boas corridas. Tal qual como lá fora, as mesmas regras, tudo.

– Até na pesagem, acrescentou ele muito sério, falamos sempre inglês!

Repetiu ainda que as corridas eram chiques. Depois não achou mais nada: – e falou de Penafiel, onde chovera sempre tanto que ele vira-se forçado a ficar em casa, estupidamente, a ler...⁵⁹

⁵⁵ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 331.

⁵⁶ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 331.

⁵⁷ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 333.

⁵⁸ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 345.

⁵⁹ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 381.

A frase mais contundente no que se refere ao baixo grau de envolvimento dos portugueses com o esporte sai mesmo da boca do sempre áspero Ega. Ela de alguma forma traduz o olhar de Eça sobre a prática naquele quartel final do século 19:

Tudo isso depende da latitude e dos costumes que ela cria. Não há inglês, por mais culto e espiritualista, que não tenha um fraco pela força, pelos atletas, pelo *sport*, pelos músculos de ferro. E nós, os meridionais, por mais críticos, gostamos do palavreadinho mavioso.⁶⁰

À GUIA DE CONCLUSÃO: AS TOURADAS

Nos momentos finais do romance, Eça deixa transparecer um olhar mais complacente, que critica, mas admira e não abandona. É uma expressão desse posicionamento um diálogo entre Carlos, que volta a Lisboa depois de muito tempo fora (10 anos), e Ega, surpreendentemente menos ácido, quando caminham juntos a rememorar a cidade:

– Isto é horrível quando se vem de fora! exclamou Carlos. – Não é a cidade, é a gente. Uma gente feiíssima, encardida, molenga, reles, amarelada, acabrunhada!...
– Todavia Lisboa faz diferença, afirmou Ega, muito sério. Oh, faz muita diferença! Há-de ver a Avenida... Antes do Ramalhete vamos dar uma volta à Avenida.⁶¹

Ega chega a exaltar alguns aspectos da vida portuguesa: “Ora na Europa o homem requintado já não ri, – sorri regeladamente, lividamente. Só nós aqui, neste canto do mundo bárbaro, conservamos ainda esse dom supremo, essa coisa bendita e consoladora – a barrigada de riso!”⁶²

Em certo momento chega a se conformar: “Que temos nós sido desde o colégio, desde o exame de latim? Românticos: isto é, indivíduos inferiores que se governam na vida pelo sentimento e não pela razão... .”⁶³ Resume assim, sem perder a verve crítica, a trajetória de Portugal:

Tendo abandonado o seu feitio antigo, à D. João VI, que tão bem lhe ficava, este desgraçado Portugal decidira arranjar-se à moderna: mas sem originalidade, sem força, sem carácter para criar um feitio seu, um feitio próprio, manda vir modelos do estrangeiro – modelos de ideias, de calças, de costumes, de leis, de arte, de cozinha... Somente, como lhe falta o sentimento da proporção, e ao mesmo tempo o domina a impaciência de parecer muito moderno e muito civilizado – exagera o modelo, deforma-o, estraga-o até à caricatura. (...) (isso se observa) em todas as classes e profissões, desde o orador até ao fotógrafo, desde o juriconsulto até ao *sportman*...⁶⁴

De fato, mesmo com uma formação “à inglesa”, eivada de atividades enérgicas, como as práticas físicas, o fato é que em boa medida fracassaram os sonhos de Afonso da

⁶⁰ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 593.

⁶¹ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 706.

⁶² QUEIROZ. *Os Maias*, p. 709.

⁶³ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 723.

⁶⁴ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 712.

Maia: Carlos não deu, assim como o amigo Ega, grandes contribuições para Portugal e para a humanidade. O diletantismo e a ociosidade os impediu; o meio era mais forte.

Em alguns momentos da trama, eles demonstram ter a noção que fazem plenamente parte do que criticam. Ega sugere, por exemplo, numa conversa com Carlos:

No fim, este diletantismo é absurdo. Clamamos por aí, em botequins e livros, “que o país é uma choldra”. Mas que diabo! Porque é que não trabalhamos para o refundir, o refazer ao nosso gosto e pelo molde perfeito das nossas ideias?...⁶⁵

Mais contundente ainda é outro diálogo entre os dois, já nas páginas finais:

Ega ergueu-se, atirou um gesto desolado:
– Falhámos a vida, menino!
– Creio que sim... Mas todo o mundo mais ou menos a falha. Isto é, falha-se sempre na realidade aquela vida que se planeou com a imaginação. Diz-se: “vou ser assim, porque a beleza está em ser assim.” E nunca se é assim, é-se invariavelmente assado, como dizia o pobre marquês. Às vezes melhor, mas sempre diferente.
Ega concordou, com um suspiro mudo, começando a calçar as luvas.⁶⁶

Uma expressão das limitações sociais e culturais que cercavam os personagens é o próprio fato de que a tentativa de organizar um evento esportivo mostrara-se falha, caricatural. A representação de Eça, nas palavras do general Sequeira, é contundente:

Aquela corrida insípida, sem cavalos, sem jóqueis, com meia dúzia de pessoas a bocejar em roda, dava-lhe a certeza que eram talvez as últimas, e que o Jockey Club rebentava... E ainda bem! Via-se a gente livre dum divertimento que não estava nos hábitos do país. Corridas era para se apostar. Tinha-se apostado? Não, então histórias!... Em Inglaterra e em França, sim! Aí eram um jogo como a roleta, ou como o monte... Até havia banqueiros, que eram os *bookmakers*... Então já viam!⁶⁷

Ainda que próximo dos acontecimentos que marcaram o século 19 e mesmo sendo a metrópole de colônias africanas, o fato é que Portugal não conseguia se sintonizar plenamente com o que ocorria no seu entorno: “É que o tempo português é outro, não é igual ao europeu. Nem as causas de mudança política são as mesmas que na Europa. Isto não significa que Portugal estivesse isolado da Europa ou do resto do Mundo.”⁶⁸

Qual saída então? Investir no genuíno. Há algo no romance no que se refere ao esporte que merece destaque. No momento em que o general está contestando a realização das corridas em Portugal, inclusive refutando aqueles que diziam que poderia ser uma contribuição para o desenvolvimento da raça de cavalos portugueses, Craft vira-se para Clifford, o *gentleman* inglês que concedia um mínimo de “decência” ao evento, e sacramenta: “– Veja você! cá nós, velhos portugueses, não gostamos de novidades, e de *sports*... Somos pelo toiro... .”⁶⁹

⁶⁵ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 529.

⁶⁶ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 723.

⁶⁷ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 328.

⁶⁸ PIMENTA. *Portugal e o século XX: Estado-Império e descolonização (1890-1975)*, p. 9.

⁶⁹ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 329.

Quem antecipara isso fora exatamente Afonso da Maia, a figura do sábio, a representação do passado glorioso.⁷⁰ No já citado episódio em que estão no Ramalhete, em que Dâmaso tece loas às corridas de cavalos, o velho ponderara: “– O verdadeiro patriotismo talvez, disse ele – seria, em lugar de corridas, fazer uma boa tourada.”⁷¹ O diálogo que se segue é esclarecedor:

Dâmaso levou as mãos à cabeça. Uma tourada! Então o Sr. Afonso da Maia preferia toiros a corridas de cavalos? O Sr. Afonso da Maia, um inglês!...
– Um simples beirão, Sr. Salcede, um simples beirão, e que faz gosto nisso; se habitei a Inglaterra é que o meu rei, que era então, me pôs fora do meu país... Pois é verdade, tenho esse fraco português, prefiro toiros. Cada raça possui o seu *sport* próprio, e o nosso é o toiro: o toiro com muito sol, ar de dia santo, água fresca, e foguetes... (Afonso).⁷²

Para Afonso, que admirava a Inglaterra, mas sentia-se um típico português, as touradas sim representavam sua história, não as corridas de cavalo, um costume que vinha de fora. Não há incoerência nessa atitude. No que se refere à educação, a moda portuguesa já não mais servia. Mas havia coisas da cultura nacional que deveriam ser louvadas, não abandonadas numa atitude subserviente. Tratavam-se as touradas de um valor lusitano:

Mas sabe o Sr. Salcede qual é a vantagem da tourada? É ser uma grande escola de força, de coragem e de destreza... Em Portugal não há instituição que tenha uma importância igual à tourada de curiosos. E acredite uma coisa: é que se nesta triste geração moderna ainda há em Lisboa uns rapazes com certo músculo, a espinha direita, e capazes de dar um bom soco, deve-se isso ao toiro e à tourada de curiosos...⁷³

Afonso não só não nega a sensação de decadência como identifica como um sinal dessa a própria contestação da importância das touradas. Esse, aliás, é um sentimento que percorre a história portuguesa, materializado nos discursos de muitos intelectuais.⁷⁴ Vejamos as palavras de Antero de Quental, que abrem sua conferência de 1871:

A decadência dos povos da Península nos três últimos séculos é um dos factos mais incontestáveis, mais evidentes de nossa história: pode até dizer-se que essa decadência, seguindo-se quase sem transição a um período de força gloriosa e de rica originalidade, é o único grande facto evidente e incontestável que nessa história aparece aos olhos do historiador filósofo.⁷⁵

Assim, em *Os Maias*, as touradas são apresentadas como uma possibilidade de contribuir para “resgatar” o país (nesse caso resgate é uma palavra adequada, dado que se estabelece uma ligação com o passado). Nesse sentido, é possível encarar a

⁷⁰ Como lembra Rosa: “Já se notou, e com razão, que o próprio Afonso da Maia é um símbolo. Na verdade, o nobre varão está muito acima do mundo em que vive, como os Afonsos de antanho. É uma síntese das virtudes mais autênticas da raça, imobilizadas e esterilizadas pelas torpezas de um mundo que nem as conhece nem as quer entender” (ROSA. *Eça, discípulo de Machado?*, p. 219).

⁷¹ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 313.

⁷² QUEIROZ. *Os Maias*, p. 313.

⁷³ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 313.

⁷⁴ FREIXO. *Minha pátria é a língua portuguesa*.

⁷⁵ QUENTAL. *Causas da decadência dos povos peninsulares nos três últimos séculos*, p. 83.

manutenção da prática não como sinal de atraso, mas sim de recusa à adoção completa de parâmetros estrangeiros.

No século 18, o marquês de Pombal já proibira a morte do touro na arena, decisão que deu origem aos forcados. Em 1836, no reinado de D. Maria II, o Ministro do Reino, Passos Manuel, as proibira em definitivo, considerando-as um divertimento bárbaro e inadequado para um país que se pretendia civilizado. Essa atitude foi em vão. Em 1837 foram autorizadas as corridas beneficentes; a partir de então, os eventos tauromáquicos passaram a utilizar esse argumento.

Segundo Jorge Crespo,⁷⁶ no final do século 19, uma vez mais as touradas estavam sob ataque, pelos mesmos motivos de sempre: a violência “bárbara” que não condizia com a modernidade desejada. Como de costume, essas iniciativas não lograram êxito: a prática segue existindo até os dias de hoje.

Em *Os Maias*, o marquês enfaticamente apoia Afonso:

Aquilo é que era falar! Aquilo é que era dar a filosofia do toiro! Está claro que a tourada era uma grande educação física! E havia ainda imbecis que falavam em acabar com os toiros! Oh, estúpidos, acabais então com a coragem portuguesa!...

– Nós não temos os jogos de destreza das outras nações, exclamava ele, bracejando pela sala e esquecido dos seus males. Não temos o *cricket*, nem o *foot-ball*, nem o *running*, como os ingleses; não temos a ginástica como ela se faz em França; não temos o serviço militar obrigatório que é o que torna o alemão sólido... Não temos nada capaz de dar a um rapaz um bocado de fibra. Temos só a tourada... Tirem a tourada, e não ficam senão badamecos derreados da espinha, a melarem-se pelo Chiado! Pois você não acha, Craft?⁷⁷

O que se segue é ironia em vários sentidos. O inglês Craft brinca: “– O quê, o toiro? Está claro! o toiro devia ser neste país como o ensino é lá fora: gratuito e obrigatório.”⁷⁸ Dâmaso, pressionado, recua, chega a dizer que também gosta de touros, mas que acha as corridas mais *chics*. Na sua visão deslumbrada, a resistência ao turfe era sinal de negativa à civilização. Em *Os Maias*, o embate simbólico entre as touradas e o turfe explicita um choque de visões acerca dos projetos para o país e dos parâmetros de modernidade a serem adotados.

Enfim, Eça apresenta a sua visão sobre um possível *modo português* de experienciar o esporte.⁷⁹ Em *Os Maias*, a louvação das touradas pode ser interpretada como uma crítica a uma ideia linear e monolítica de civilização moderna, típica do capitalismo burguês; como uma forma de recarnavalizar a sociedade frente ao que era imposto pela construção discursiva do ideário e imaginário da modernidade.

Para encerrar, vale dizer que outras fontes com as quais trabalhamos em grande medida reforçam o que infere Eça em *Os Maias*. Mas isso não nos interessa nesse momento, e sim o seu olhar específico que, ao apontar as peculiaridades da sociedade de seu tempo, em sua relação com a modernidade, mobiliza e deixa entrever algo sobre a prática esportiva no contexto da época.



⁷⁶ CRESPO. *A história do corpo*.

⁷⁷ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 313.

⁷⁸ QUEIROZ. *Os Maias*, p. 314.

⁷⁹ Aqui se trata de uma alusão a ideia freireana de que há “um modo português de estar no mundo”. Para uma discussão sobre o tema, ver CASTELO. “*O modo português de estar no mundo*”: o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa.

RESUMEN

Este estudio tiene por objetivo discutir las representaciones del deporte en *Os Maias* (Eça de Queirós, 1888), una de las más célebres novelas escritas en portugués. Se argumenta que las miradas del literato pueden ayudar a entender la presencia de la práctica en el contexto de las tensiones culturales en Portugal en las décadas finales del siglo 19, incluyendo lo que respecta a la relación del país con los ideales y el imaginario de la modernidad.

PALABRAS-CLAVE

Deporte, modernidad, Portugal

REFERÊNCIAS

- BERRINI, Beatriz. Eça de Queiroz: precursor da modernidade. In: BERRINI, Beatriz (Org.). *Eça e Machado*. São Paulo: Ed. PUC-SP, 2005. p. 39-60.
- CASTELO, Cláudia. “O modo português de estar no mundo”: o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa. Porto: Afrontamento, 1999.
- COSTA, Vitor Manuel Mourão Gonçalves da. *O desporto e a sociedade em Portugal – fins do século XIX – princípios do século XX*. 1999. Dissertação (Mestrado em História Social Contemporânea) Lisboa: ISCTE, 1999.
- CRESPO, Jorge. *A história do corpo*. Lisboa: Difel, 1990.
- FREIXO, Adriano de. *Minha pátria é a língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.
- GLEDSOON, John. Machado de Assis e Eça de Queiroz: a crítica de 1878 e a internacionalização do romance. In: BERRINI, Beatriz (Org.). *Eça e Machado*. São Paulo: Editora da PUC-SP, 2005. p. 111-132.
- MARQUES, A. H. de Oliveira. *Breve história de Portugal*. Queluz de Baixo: Presença, 2005.
- MELO, Victor Andrade de. *Esporte e lazer: conceitos – uma introdução histórica*. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2010.
- PIMENTA, Fernando Tavares. *Portugal e o século XX: Estado-Império e descolonização (1890-1975)*. Lisboa: Edições Afrontamento, 2010.
- QUEIROZ, Eça de. *Os Maias*. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, 2006.
- QUEIRÓS, Eça de. *Cartas da Inglaterra*, Lisboa: 1905. Disponível em: <http://figaro.fis.uc.pt/queiros/obras/Londres/Cartas_Inglaterra20070619.html>. Acesso: 28 abr. 2011.
- QUENTAL, Antero de. *Causas da decadência dos povos peninsulares nos três últimos séculos*. Lisboa: Edições Tinta-da-China, 2008.
- ROCHA, João Cezar de Castro. *Machado de Assis e Eça de Queiroz: formas de apropriação*. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/pgh/images/stories/machado_de_assis__ea_de_queirs_formas_de_apropriao.pdf>. Acesso: 28 abr. 2011.
- ROSA, Alberto Machado da. *Eça, discípulo de Machado?* Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963.

SANTIAGO, Silvano. Eça, autor de *Madame Bovary*. In: _____. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 49-65.

VAQUINHAS, Irene Maria. O conceito de “decadência fisiológica da raça” e o desenvolvimento do esporte em Portugal (finais do século XIX/princípios do século XX). *Revista de História das Idéias*, Coimbra, v. 14, p. 365-387, 1992.